

Afrescos pedagógicos: arte sistina, interdisciplinaridade e ensino religioso

Pedagogical frescoes: sistine art, interdisciplinarity and religious education

Frescos pedagógicos: arte sixtino, interdisciplinariedad y educación religiosa

DOI: 10.52641/cadcajv10i4.1248

Submitted on: 10.19.2025 | Accepted on: 10.23.2025 | Published on: 11.3.2025

Eliuson Antonio de Azevedo¹

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise interdisciplinar dos afrescos da Capela Sistina, de Michelangelo Buonarroti, como recurso pedagógico aplicado ao Ensino Religioso. Partindo de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada em autores como Santos (2021), Brito et al. (2024) e Marvila et al. (2024), o estudo examina as possibilidades de articulação entre arte, espiritualidade, história e ética, à luz das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). A análise iconográfica e iconológica das obras permite compreender a dimensão estética e simbólica da arte sacra como mediadora de valores éticos, culturais e teológicos. Observa-se que os afrescos de Michelangelo transcendem o campo artístico, configurando-se como ferramenta didática capaz de promover reflexões sobre a condição humana, a transcendência e a diversidade de manifestações religiosas. Os resultados indicam que a integração entre Arte e Ensino Religioso favorece o desenvolvimento de competências críticas e sensíveis, ampliando a compreensão do fenômeno religioso em sua complexidade histórica e cultural. Conclui-se que a Capela Sistina, enquanto patrimônio artístico e espiritual, pode ser explorada pedagogicamente como espaço de diálogo entre fé, estética e conhecimento, fortalecendo práticas educativas humanizadoras e interdisciplinares.

Palavras-chave: Ensino Religioso, arte sacra, capela sistina, Michelangelo, interdisciplinaridade.

ABSTRACT: The present article proposes an interdisciplinary analysis of the frescoes of Capela Sistina, by Michelangelo Buonarroti, as a pedagogical resource applied to Religious Teaching. Starting from a qualitative and bibliographic approach, based on authors such as Santos (2021), Brito et al. (2024) and Marvila et al. (2024), the study examines the possibilities of articulation between art, spirituality, history and ethics, in light of the orientations of the National Common Curricular Base (BNCC, 2018). The iconographic and iconological analysis of the works allows us to understand the aesthetic and symbolic dimension of sacred art as a mediator of ethical, cultural and theological values. It is

¹ Mestrando Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, Espírito Santo, Brasil.
E-mail: antoniodeazevedo27@gmail.com

observed that Michelangelo's frescoes transcend the artistic field, configuring themselves as a didactic tool capable of promoting reflections on the human condition, the transcendence and the diversity of religious manifestations. The results indicate that the integration between Art and Religious Education favors the development of critical and sensitive competencies, expanding the understanding of the religious phenomenon in its historical and cultural complexity. It is concluded that Capela Sistina, as an artistic and spiritual heritage, can be explored pedagogically as a space for dialogue between faith, aesthetics and knowledge, strengthening humanizing and interdisciplinary educational practices.

Keywords: Religious Education, sacred art, sistine chapel, Michelangelo, interdisciplinarity.

RESUMEN: Este artículo propone un análisis interdisciplinario de los frescos de la Capilla Sixtina de Miguel Ángel Buonarroti como recurso pedagógico para la Educación Religiosa. Mediante un enfoque cualitativo y bibliográfico, basado en autores como Santos (2021), Brito et al. (2024) y Marvila et al. (2024), el estudio examina las posibilidades de articular arte, espiritualidad, historia y ética, a la luz de las directrices de la Base Curricular Común Nacional (BNCC, 2018). El análisis iconográfico e iconológico de las obras permite comprender la dimensión estética y simbólica del arte sacro como mediador de valores éticos, culturales y teológicos. Se observa que los frescos de Miguel Ángel trascienden el ámbito artístico, constituyendo una herramienta didáctica capaz de promover reflexiones sobre la condición humana, la trascendencia y la diversidad de las manifestaciones religiosas. Los resultados indican que la integración del arte y la educación religiosa fomenta el desarrollo de habilidades críticas y sensibles, ampliando la comprensión de los fenómenos religiosos en su complejidad histórica y cultural. La conclusión es que la Capilla Sixtina, como patrimonio artístico y espiritual, puede ser explorada pedagógicamente como espacio de diálogo entre la fe, la estética y el conocimiento, fortaleciendo prácticas educativas humanizadoras e interdisciplinarias.

Palabras clave: Educación Religiosa, arte sacro, capilla sixtina, Michelangelo, interdisciplinarietà.

1. INTRODUÇÃO

Michelangelo Buonarroti (1475-1564) é, possivelmente, a figura mais conhecida da História da Arte no Ocidente, executor de importantes obras arquitetônicas, escultóricas e pictóricas, além de autor de uma rica produção poética. Com uma

genialidade reconhecida ainda em vida, dedicou-se às artes até sua morte, aos 89 anos, mantendo um status divinizado obtido graças às suas realizações.

Profundamente religioso, teve sua fé como grande influenciadora de sua obra; sua reputação artística o colocou a serviço da Igreja Católica, sua maior mecenas. Em 1505, o Papa Júlio II o empregou em Roma para que executasse o projeto escultórico de sua tumba, o “Monumento a Júlio II” [que] se tornou, de fato, a tragédia da vida de Michelangelo (Mendes, 2005, p. 22). Desentendimentos entre o pontífice e o artista fizeram com que, afastado do projeto pessoal do papa, Michelangelo assumisse o compromisso de decorar a abóboda da Capela Sistina em 1508, trabalho aceito não sem muita relutância: o artista “fez tudo o que podia para esquivar-se a essa encomenda. Disse não ser realmente um pintor, mas um escultor. Estava convencido de que essa ingrata encomenda lhe fora endossada através das intrigas de seus inimigos” (Gombrich, 1999, p. 214). Porém, aceita a empresa, Michelangelo passou muitos anos envolvido na pintura dos afrescos considerados, desde então, sua grande obra.

A Capela Sistina, construída entre 1473 e 1481 por ordem do Papa Sisto IV, segue um estilo arquitetônico renascentista com planta retangular e teto em abóboda. É um dos espaços mais emblemáticos do Vaticano e reúne dimensões religiosas, históricas, políticas, culturais e artísticas. Concebida em sua origem como uma capela privada dos papas, tornou-se parte essencial da vida religiosa do Vaticano, destinada à celebração de eventos litúrgicos restritos à corte pontifícia, embora tenha transcendido seu caráter privado ao ser reconhecida como patrimônio da humanidade, espaço museológico e turístico, graças, sobretudo, ao conjunto de afrescos pintados por Michelangelo.

É nesse sentido, portanto, que a Capela Sistina ultrapassará o estatuto de espaço sagrado e museológico em nossas reflexões, tornando-se também um objeto de mediação pedagógica no contexto do Ensino Religioso. A leitura simbólica das cenas bíblicas do Gênesis que compõem o teto da Capela, e do afresco sobre o Juízo Final na parede do altar, oferece caminhos para abordar conteúdos da tradição judaico-cristã e sua presença na cultura ocidental. Ao ser inserida no contexto escolar, essa leitura pode ainda se articular com outras áreas do conhecimento, promovendo uma perspectiva interdisciplinar que

amplia a compreensão de questões relacionadas à arte e à estética, e permite diálogos com disciplinas como a literatura, a biologia e a medicina, a física, a matemática e a geometria. Ainda, contextualizada cronologicamente, destaca-se como uma importante ferramenta para a compreensão de fatores históricos e sociais, possibilitando discussões sobre as transformações políticas e econômicas de diferentes períodos, os interesses da Igreja, os processos de ensino e formação religiosa, bem como questões sociais e culturais mais amplas, oferecendo múltiplas possibilidades de análise crítica.

Neste artigo, propomos leituras que integrem arte, espiritualidade, história e ética, mobilizando os afrescos da Capela Sistina de maneira a transcender a dimensão religiosa, oportunizando uma investigação integrada, crítica e criativa, alinhada à proposta de uma educação que valoriza a complexidade dos saberes e a formação integral dos estudantes, conforme as propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (Brasil, 2018).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL: POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES

Historicamente, o Ensino Religioso (ER) no Brasil sempre esteve em meio a disputas políticas e interesses confessionais. No âmbito legal, o ER aparece pela primeira vez na Constituição Imperial, em 1827, que diz que “os professores ensinarão – a ler, escrever, a aritmética, a geometria, a gramática da língua nacional e – ‘os princípios da moral cristã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana’” (Nass, 2023). Em relação às normativas nacionais e as diretrizes curriculares contemporâneas, o ER está presente no artigo 210 da Constituição Federal (Brasil, 1988), e tem sua implementação nas escolas públicas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1997), que o fundamenta no âmbito da legislação educacional. É a partir da nova redação do artigo 33, incluída pela Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997, que o ER ganha contornos mais definidos, e é estabelecido como

de matrícula facultativa, parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (Brasil, 1997).

Para Santos (2021), contudo, será sua presença na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que possibilitará um desenvolvimento epistemológico que não havia ocorrido até então.

Ao longo da elaboração da BNCC (Brasil, 2018), o ER passou por diferentes caracterizações: nas duas primeiras versões do texto normativo, em 2015 e 2016, o ER compunha a área de Ciências Humanas, junto a outras disciplinas como História e Geografia. Posteriormente, ele foi retirado dessa área e considerado uma Área do Conhecimento (Baptista; Siqueira, 2020; Santos, 2021). Na versão final, homologada em 2018, o ER é um componente curricular cuja abordagem pedagógica deve considerar os conhecimentos da área a partir de pressupostos éticos e científicos, e integrar as diversas culturas, filosofias e tradições religiosas ao currículo.

Santos (2021) discute que “a trajetória de construção do texto sobre o Ensino Religioso na BNCC teve mais idas e vindas que os documentos de outras áreas do conhecimento e conteúdos”, afirmando que nenhum deles “chegou a ter sua permanência questionada, nem omitida em alguma das versões preliminares”. Para a autora, contudo, o texto da BNCC, mesmo com suas incoerências e limitações, proporcionou para o ER uma “maior legitimidade do conteúdo, seu crescimento epistemológico e sua utilidade no processo de construção da cidadania e do reconhecimento das diversidades” (Santos, 2021).

Embora o documento defina todos os componentes curriculares, estabelecendo suas competências gerais e específicas, habilidades, objetivos de conhecimento e unidades temáticas particulares (Brasil, 2018), enfatizamos a interdisciplinaridade como uma abordagem fundamental para a integração de todos esses tópicos na prática de ensino, adotando-a e discutindo-a como o principal método para as reflexões em tela.

Há uma longa discussão sobre a fragmentação do conhecimento na produção científica educacional, e a interdisciplinaridade surge, inclusive, como uma alternativa para solucionar essa fragmentação. Para Brito *et al.* (2024), a interdisciplinaridade é

uma condição fundamental de toda compreensão intelectual profunda; representa um hábito de abordagem unitária a qualquer tipo de conhecimento. Da mesma forma, é um princípio didático a ter em conta no desenho curricular, o que implica que no ensino deve ser considerado como uma invariante metodológica. [...] a interdisciplinaridade é um compartilhamento, uma forma de conhecimento aplicado que ocorre na interseção do conhecimento (Brito *et al.*, 2024).

Na BNCC (2018), a interdisciplinaridade aparece como uma estratégia pedagógica e, de fato, o trabalho interdisciplinar acaba por ser motivado por questões e desafios que surgem no cotidiano educacional, tornando-se uma ferramenta útil para uma compreensão mais ampla da realidade. O ER, que visa promover o conhecimento sobre diferentes tradições religiosas, envolve-se diretamente com questões morais e éticas, como a percepção das diferenças e o reconhecimento de identidades, e sobre as linguagens específicas e estruturantes das religiões — como os símbolos, os mitos e os ritos — que constituem elementos fundamentais para compreender como grupos humanos constroem sentidos para sua existência, e como interpretam o mundo.

O Ensino Religioso busca construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. Trata-se de um *espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, direitos humanos e cultura da paz*. Tais finalidades se articulam aos elementos da formação integral dos estudantes, na medida em que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade (BNCC, 2018, grifos nossos).

Tratar o ER do ponto de vista científico-social permite que relações com outras áreas do conhecimento sejam feitas, “transcendendo as fronteiras tradicionais entre as disciplinas [o que] contribui significativamente para a criação de um ambiente de aprendizado mais completo, inclusivo e respeitoso” (Marvila *et al.*, 2024).

Particularmente, procuraremos discutir a integração da Arte como uma abordagem sensível de conteúdos religiosos, de maneira a acessar estruturas, contextos e valores históricos por meio das imagens. Nosso objeto de estudo são os afrescos da Capela Sistina que exemplificam não apenas a união entre arte e fé, mas também a possibilidade de interpretação de narrativas sagradas, dimensões teológicas e aspectos simbólicos a partir de uma perspectiva artística e estética.

Consideramos essa obra de Michelangelo um recurso didático que permite explorar transformações históricas, políticas e culturais não apenas do período renascentista como também da contemporaneidade, ao articular saberes da História da Arte, da Religião e da Educação. As cenas bíblicas d'A Criação de Adão e d'O Juízo Final, oferecem uma rica fonte de análise para o Ensino Religioso pois representam a teologia cristã visualmente, demonstrando os conceitos fundamentais como o poder divino, imagem e semelhança entre Deus e humanidade, fé, pecado, redenção e salvação. Ainda, permitem discussões acerca do desenvolvimento da pintura, do uso de cores, da perspectiva, da representação do corpo humano, da leitura de imagens e da Arte como ferramenta pedagógica para diversos assuntos.

Além disso, destacamos a parte do espectador, o "leitor" que entenderá de acordo com seus conhecimentos, visões de mundo, contextos culturais, a mensagem que artista e obra procuraram passar. Amparo (2012, p. 79) nos lembra que

Em todas as imagens que figuram na Capela Sistina, é possível perceber que há uma série de simbologias presentes e que cada uma se comunica de determinada forma com a que está diante de si. Uma única representação pode apontar para inúmeras leituras que dependem do grau de conhecimento de cada leitor. Assim, o pintor renascentista estabelece com seu interlocutor um diálogo ora franco, ora dissimulado, entre brados e sussurros.

É importante sempre contextualizarmos obra, artista, tempo e espaço para que as imagens façam sentido.

2.2 MICHELANGELO INTERDISCIPLINAR

Para Pereira *et al.* (2018, p. 10) “religião e arte aparecem como campos da prática social e âmbitos de ação e combate político, e não só reflexos ou expressões ideológicas de uma estrutura social mais profunda”. Para Ilka Leite,

o papel social desempenhado pela Arte e pela Religião podem, sem dúvida alguma, levar a discussões intermináveis, mesmo quando focadas em especificidades culturais, em interrogações estéticas, filosóficas, econômicas, políticas e éticas. Ou ainda sobre as suas formas, movimentos, transformações, estruturas e configurações no passado e na atualidade (Leite, 2013, p. 840-841).

Os afrescos pintados por Michelangelo no teto e na parede do altar da Capela Sistina conformam um dos maiores exemplos da fusão entre Arte e Religião. Essa obra influenciou profundamente a iconografia religiosa cristã ao longo dos séculos, consolidando padrões e teologias que foram incorporados em outras expressões artísticas e didáticas do cristianismo. Assim, essas pinturas não apenas educaram os fiéis de sua época, como prosseguem sendo um modelo visual para a teologia cristã e para o Ensino Religioso contemporâneo, pois “nos oferecem uma grande poesia narrativa a partir de imagens que contam a história da humanidade, explorando vários campos do conhecimento e exigindo interpretações em diferentes níveis de sentido, do mais superficial ao mais profundo” (Amparo, 2012, p. 78).

Podemos avaliar a obra a partir de uma perspectiva biográfica que não apenas faz conhecer o artista como seu contexto de vida e produção. Michelangelo Buonarroti nasceu em uma família com boas relações sociais e, ainda na adolescência, foi aprendiz de Domenico Ghirlandaio (1449-1499), importante artista renascentista florentino com quem, provavelmente, aprendeu a técnica de pintura afresco. Trabalhou em um ateliê de escultura que era patrocinado por Lorenzo de Médici (1449-1492), governante de Florença e mecenas. Era um homem letrado, leitor dos clássicos latinos, e também de Dante e Boccaccio; “manteve contatos com escritores, poetas e filósofos da época, criando ou fortalecendo relações que permaneceriam por toda a vida” (Resende, 2023).

Michelangelo foi um dos mais famosos artistas de sua época, e teve sua biografia publicada ainda em vida: Giorgio Vasari (1511-1574), pintor e arquiteto italiano, também conhecido por escrever biografias sobre os artistas italianos, registrou o status de gênio divino: “porque Michelangelo cada dia produzia frutos mais divinos que humanos”, e “figuras belíssimas e uma agudeza de intelecto dignas apenas de terem sido feitas pelas mãos divinas de Michelangelo” (Vasari, 1550, tradução nossa). Apesar da genialidade, carregava traços de um “artista egóico, solitário e de difícil trato... [que criou] rivalidade e várias intrigas com seus iguais, como Leonardo da Vinci e Rafael Sanzio” (Resende, 2023), e a biografia de Vasari parece ter evidenciado os traços arrogantes e difíceis do artista. Ascanio Condivi (1525-1574), aluno de Michelangelo, escreveu uma biografia autorizada de seu professor poucos anos depois, obra “tradicionalmente reconhecida como uma resposta, com a função corretiva, da primeira edição da *Vita* de Giorgio Vasari” (Berriel, 2008, p. 29).

Além das biografias, há um conjunto volumoso de cartas escritas por Michelangelo, endereçadas a amigos e familiares. Para Luiz Marques,

Se, de todo o conjunto dos testemunhos escritos de e sobre Michelangelo, se tivessem conservado somente as cartas, bastariam elas para obter um retrato íntegro da formidável potência de sua personalidade, da intensidade e ao mesmo tempo da fragilidade de sua existência (Marques, 2009, p. 14).

As cartas trazem, então, notícias do artista sobre questões particulares de sua vida, suas relações familiares, seus negócios e suas relações interpessoais. Graças à sua longevidade, registra-se o contato com “cerca de sete papas e todo o séquito político e religioso que os cercavam” (Voigt, 2020). Michelangelo também escreve aos seus destinatários comentários sobre escultura, pintura, arquitetura; dedicado também à poesia, menciona os poemas que escreve.

Esses registros escritos contemporâneos — aqui, representados pelos gêneros literários biografia, poesia, e suas epístolas — e as pinturas permitem evidenciar as diversas facetas de Michelangelo: o estilo artístico influenciado pela Antiguidade clássica, pelos ideais do humanismo e do neoplatonismo, conceitos que servem como baliza

cronológica não só para a definição de períodos de sua produção, mas também para o entendimento contextual do seu pensamento e de sua concepção artística.

2.2.1 Os afrescos da Capela Sistina

Há diversos trechos de cartas enviadas aos seus familiares “nos quais insistentemente se queixa de extrema fadiga e das enormes dificuldades de sua empresa” (Berbara, 2009, p. 25) durante a primeira fase dos trabalhos na Capela Sistina — a pintura do teto, entre os anos de 1508 e 1512. Michelangelo considerava-se, primordialmente, um escultor em mármore, proclamando que a pintura “não era sua arte”, e referia-se ao “seu estado de pobreza, consequência da irregularidade com que Julio II lhe pagava” (Berbara, 2009, p. 34).

As negociações e o contrato para a produção dos afrescos são amplamente conhecidos pela documentação escrita, e diversas informações se tornaram tão importantes quanto a própria obra, como as dificuldades técnicas durante a pintura — a começar pela própria técnica escolhida, o afresco, que consiste em aplicar pigmentos diretamente sobre a argamassa ainda úmida, de maneira rápida, além do contato constante com a toxicidade de alguns desses pigmentos — e os problemas estruturais e arquitetônicos da Capela, que necessitava de reforma. Ainda, as grandes dimensões do espaço: os afrescos “preenchem os aproximados 500m² do teto da estrutura” (Oliveira, 2022, p. 4), e a altura, 20 metros acima do chão, tornou necessário o uso de andaimes construídos pelo próprio artista. O desconforto físico para pintar tornou-se parte da mítica envolvida em todo o empreendimento, como a anedota de que o artista teria pintado o teto deitado, o que não procede.

Em meio à conturbada relação com o Papa Júlio II, que tinha como projeto para a pintura do teto os doze Apóstolos de Cristo, em alusão ao Novo Testamento, Michelangelo conseguiu autorização para realizar o projeto à sua maneira. Assim, o novo programa iconográfico concebido pelo artista alterava a ideia original, passando a tratar temas do Velho Testamento em “nove cenas retiradas do livro de gênesis, doze quadros laterais

retratando os profetas bíblicos e as sibilas mitológicas, quatro pendentes com cenas da história de Israel, oito velas e doze lunetas com os antepassados de Cristo” (Saldanha, 2018, p. 283).

Dentre as inúmeras figuras — por volta de 300 —, a composição que reúne Deus e o homem certamente é a mais famosa e mais reproduzida arte desde sua concepção por Michelangelo. Na cena, uma inovação na representação de Adão, que aparece vívido e participando de sua criação, ao receber o quase toque do dedo de Deus. Segundo Gombrich (1999, p. 216),

Artistas anteriores a Miguel Ângelo já tinham pintado Adão deitado no chão e sendo chamado à vida por um simples toque da mão de Deus, mas nenhum deles se aproximara sequer de expressar a grandeza do mistério da criação com tamanha simplicidade e força. Nada existe no quadro que desvie a atenção do tema principal. Adão está deitado no chão, com toda a beleza e vigor que convém ao primeiro homem; do outro lado, Deus Pai aproxima-se, transportado e amparado por Seus anjos, envolto num amplo e majestoso manto soprado pelo vento, sugerindo a facilidade e rapidez com que Ele flutua no vazio. Quando estende Sua mão, nem mesmo tocando no dedo de Adão, quase vemos o primeiro homem despertar, como que de um profundo sono, e fixar os olhos no rosto paternal do seu Criador.

Muitos estudos sobre essa cena em particular foram feitos: interpretações teológicas e sociais, as relações entre criador e criatura, questões simbólicas sobre o sopro da vida, e a criação do homem. Um ponto muito interessante, contudo, aponta para a representação do corpo e da anatomia: Michelangelo, como escultor, conhece bem os traços anatômicos e os detalhes do corpo humano que eram estudados, medidos, desenhados e redesenhados de modo a criar movimento, peso, e propriamente um realismo para as representações. Na composição, Adão e Deus são dispostos simetricamente; o homem jovem, nu, forte, porém delicado, é a imagem e semelhança da divindade, que também possui um corpo forte, mas é leve o suficiente para flutuar. Essa simetria que equilibra a relação entre o homem e o sagrado, serve para equilibrar, também, a cena.

A maneira de representar a anatomia levou diversos autores a interpretar o conhecimento do artista sobre o corpo humano de uma maneira exagerada, dando

contornos científicos às soluções encontradas por Michelangelo para representar detalhes da musculatura e órgãos internos, por exemplo. Eduardo Kikhöfel (2004), em uma resenha do livro *A arte secreta de Michelangelo. Uma lição de anatomia na Capela Sistina*, de Gilson Barreto e Marcelo G. de Oliveira (2004), desmonta diversas ideias sobre um suposto conhecimento do artista como médico anatomista, que teria participado de investigações médicas, como autópsias, por exemplo. Embora seja possível propor um refinamento de Michelangelo quanto à representação dos corpos, isso se deve mais ao seu próprio ofício do que, necessariamente, a uma investigação profunda e científica sobre o corpo.

Questões relacionadas à profundidade, perspectiva, volume e tridimensionalidade das composições podem ser discutidas ao observar como Michelangelo organizou as figuras em suas cenas. Os afrescos são entendidos por Saldanha (2018, p. 286) como “esculturas pintadas”, já que para Michelangelo a pintura deveria despertar sensações em seu espectador como uma estátua despertaria já que, por sua tridimensionalidade, promove diversos pontos de vista para o observador. Assim, a observação dos afrescos é feita em movimento, com o espectador acompanhando os caminhos das narrativas litúrgicas, tendo a sensação que as figuras também se movimentam, graças às mudanças de iluminação, sombras e ponto de vista:

Tais escolhas implicam um posicionamento físico do apreciador no espaço da capela, fazendo com que a obra seja percebida de diferentes maneiras, em suas luzes e perspectivas. Encontramos a mudança da visão quatrocentista de composição, alterando as relações espaço-composição e narração-cronologia com a finalidade de abrir novas possibilidades de leitura [...] oferecendo ao apreciador figuras que transitam entre o sagrado e o profano dentro de um universo de imagens que se sobrepõem às estruturas arquitetônicas da capela (Saldanha, 2018, p. 287).

O teto da Capela Sistina representa uma verdadeira revolução estética: Michelangelo expandiu os limites da técnica, da anatomia, da narrativa visual e da expressividade emocional, utilizando conhecimentos transdisciplinares que permitem ao observador mais que uma experiência visual, mas sensorial e espiritual.

A segunda fase do trabalho na Capela Sistina ocorreu entre os anos 1535 e 1541, período que corresponde não apenas à maturidade etária do artista, mas a uma série de mudanças de concepções e abordagens pelas quais ele — e a sociedade na qual vivia — passava.

A década de 1530, por exemplo, marca uma importante crise religiosa: “a intenção do Papado de criar um poderoso Estado havia fracassado, a Reforma debilitara a Igreja de um modo incalculável, a estrutura social sobre a qual a arte humanista se apoiara estava abalada” (Berriel, 2008, p. 24). É durante essa crise que Michelangelo trabalha na parede do altar, pintando as mais de 400 figuras na representação d’O Juízo Final, em uma área de aproximadamente 165 metros quadrados.

O Juízo Final é um princípio fundamental da doutrina cristã, tema central e definidor da arte e da fé. No afresco, Michelangelo representa em quatro faixas horizontais, de cima para baixo: anjos que seguram símbolos da paixão (a cruz e a coroa de espinhos); um Cristo jovem que emerge “de modo severo e implacável, levantando seu musculoso *braccio severo* (braço severo) e num redemoinho erguendo os santos ao céu e precipitando os perdidos ao inferno” (Saldanha, 2018, p. 290); anjos tocando as trombetas e, enfim, o reino dos mortos e o inferno.

O afresco d’O Juízo Final congrega diversas inovações iconográficas que geraram muitas críticas. O tema, que possui grande destaque na arte ocidental desde o século XI, sofria poucas variações até então: “de um lado os eleitos no Paraíso, de outro os condenados que se dirigem ao Inferno. [...] Nas representações mais antigas do tema, Paraíso e Inferno, em geral, são apenas sugeridos, e não efetivamente representados” (Quírico, 2003, p. 132), o que o artista optou por fazer: no afresco, há “uma multidão de corpos desnudos, dispostos em um mesmo plano sem o uso das regras de perspectiva e harmonia de proporção comuns ao renascimento” (Saldanha, 2018, p. 293). Há também a inserção de personagens pagãos, já que Michelangelo congrega seus conhecimentos sobre a literatura homérica, dantesca e bíblica na composição, uma heresia para a teologia cristã. Ainda, “o espírito do ‘Juízo Final’ é profundamente pessimista e totalmente diverso

do teto. O estilo é também muito pesado e não tem a graça e a alegria do trabalho anterior” (Mendes, 2005, p. 23).

O afresco da parede do altar não foi vítima apenas de críticas furiosas de teólogos: em meio a censuras, ele recebeu intervenções quase que imediatas à sua publicação e, um ano após a morte do artista, a “Congregação do Concílio de Trento decidiu cobrir as partes mais ofensivas do Juízo Final. O papa Pio V encarregou dessa missão, em 1559, Daniele da Volterra (1509 – 1566), discípulo e amigo de Michelangelo” (Vestir os nus, 2012) — missão essa que rendeu o apelido *Il Braghetonne*, “o fabricante de calças”, a ele.

2.2.2 A imagem como mediadora pedagógica

Os afrescos de Michelangelo oferecem uma poesia narrativa a partir de imagens que permitem explorar diferentes campos do conhecimento religioso, para além das doutrinas cristãs: Michelangelo inclui em seus afrescos figuras de outras linhagens, como a pagã, por meio das mitologias grega e romana — ao inserir as Sibilas, profetizas oraculares da Antiguidade, nas partes mais altas do teto, intercalando-as com os profetas do judaísmo —, e demais referências a religiões orientais e egípcias por meio do estilo e do simbolismo.

Segundo Saldanha (2018, p. 284), o que Michelangelo aplicou à capela não foram simples representações de temas religiosos, mas “uma potente representação imagética da [sua] concepção teológica”. Considerando-se que a arte serviu às religiões “como verdadeiro instrumento auxiliar aos cultos [...] de maneira que é impossível dissociar o desenvolvimento da história da arte das práticas religiosas” (Jaluska, 2016, p. 19), é importante não perder de vista o papel pedagógico dos afrescos de Michelangelo, ainda que, no contexto da Capela Sistina, ele tenha se dirigido a um público específico e com uma educação específica. Porém,

Passados quase cinco séculos de sua realização, seu público mudou drasticamente; não mais existem seu poderoso comitente e poucos fiéis afortunados, mas observadores eruditos e muitos turistas afoitos, eventualmente inventivos e curiosos. A tarefa dos historiadores da arte e da

cultura é recuperar a partir de documentos de época parte do contexto de sua realização para que algum entendimento objetivo seja possível, uma tarefa que não raro ocupa toda uma vida (Kickhöfel, 2004, p. 440).

Assim, as pinturas da Capela Sistina se revelam uma ferramenta valiosa para o Ensino Religioso mesmo hoje, e à distância, pois permite a interseção entre Arte e Teologia de uma maneira acessível e didática. O uso de obras de arte sacras no ambiente escolar amplia o repertório cultural dos alunos pois estimula reflexões sobre transcendência e espiritualidade, e a abordagem interdisciplinar entre Arte e Ensino Religioso — e demais disciplinas, possibilidades de discussões, e temas — possibilita uma abordagem mais rica e significativa de conteúdos que promovem um ensino humanizado e crítico.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e bibliográfica, desenvolvida a partir da análise interdisciplinar entre Arte, Religião e Educação. O estudo teve como objetivo compreender de que modo os afrescos da Capela Sistina, de Michelangelo Buonarroti, podem ser utilizados como instrumento pedagógico no Ensino Religioso, considerando seus aspectos históricos, simbólicos, estéticos e teológicos.

A metodologia adotada fundamentou-se na pesquisa bibliográfica e documental, conforme os princípios de Gil (2019), envolvendo o levantamento, leitura e interpretação de obras clássicas e contemporâneas sobre Michelangelo, arte sacra e ensino interdisciplinar. As principais fontes foram constituídas por livros, dissertações, artigos científicos, documentos oficiais e materiais disponibilizados em bases acadêmicas, como SciELO, Google Scholar e o Portal de Periódicos da CAPES.

Foram utilizados os seguintes descritores de busca: arte sacra, Capela Sistina, Michelangelo Buonarroti, ensino religioso e interdisciplinaridade, delimitando-se o recorte temporal entre 2000 e 2025, a fim de contemplar tanto estudos históricos quanto abordagens pedagógicas contemporâneas.

Portanto, esta metodologia combina rigor acadêmico e sensibilidade interpretativa, permitindo analisar a Capela Sistina não apenas como patrimônio artístico

e religioso, mas também como um recurso pedagógico contemporâneo, capaz de promover a interdisciplinaridade e o diálogo entre fé, cultura e conhecimento escolar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise realizada a partir da pesquisa bibliográfica e documental revelou que os afrescos da Capela Sistina, de Michelangelo Buonarroti, constituem um recurso pedagógico altamente significativo para o ensino religioso contemporâneo, ao promover o diálogo entre arte, fé, cultura e conhecimento científico. A obra ultrapassa o âmbito estético e teológico para assumir papel educativo, possibilitando múltiplas leituras e interpretações interdisciplinares que dialogam com os campos da história, filosofia, literatura, geometria e ciências humanas.

Os resultados demonstram que a arte sacra, quando introduzida como mediadora pedagógica, estimula o desenvolvimento de habilidades cognitivas, éticas e estéticas nos estudantes, contribuindo para uma formação integral. As cenas bíblicas representadas por Michelangelo — como *A Criação de Adão* e *O Juízo Final* — permitem compreender os fundamentos da tradição judaico-cristã e os valores universais de humanidade, espiritualidade e transcendência. Conforme Saldanha (2018), as imagens da Capela Sistina não apenas ilustram narrativas religiosas, mas traduzem concepções teológicas complexas por meio da visualidade e da emoção, abrindo espaço para leituras críticas e reflexivas no ambiente escolar.

Do ponto de vista pedagógico, a integração entre arte e ensino religioso atende ao que propõem as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), ao enfatizar uma abordagem ética, científica e plural dos fenômenos religiosos. Essa perspectiva amplia a compreensão das manifestações de fé enquanto expressões culturais, e não apenas doutrinárias, promovendo o respeito à diversidade e o diálogo inter-religioso. Como defendem Marvila et al. (2024), a interdisciplinaridade no ensino religioso é essencial para romper a fragmentação dos saberes e construir uma educação mais crítica e humanizadora.

A análise iconográfica e iconológica das obras também demonstrou que Michelangelo utilizou a arte como linguagem universal de mediação entre o humano e o divino. Os afrescos, ao retratarem tanto o vigor físico do corpo humano quanto a dimensão espiritual da criação, evidenciam uma visão renascentista de integração entre fé e razão. Nesse sentido, as pinturas funcionam como documentos históricos e teológicos, que refletem as tensões políticas, culturais e religiosas do século XVI, e permitem discutir em sala de aula temas como poder, estética, antropocentrismo e espiritualidade.

Os resultados igualmente apontam que a utilização pedagógica dessas obras no Ensino Religioso favorece a construção de valores de empatia, solidariedade e respeito, especialmente quando o professor adota uma abordagem dialógica e investigativa. O uso da Capela Sistina como material de apoio estimula o pensamento crítico dos alunos ao conectá-los com aspectos simbólicos e éticos presentes nas narrativas visuais. Tal estratégia promove não apenas o aprendizado conceitual, mas também o desenvolvimento sensível e interpretativo, aproximando a arte sacra da realidade educacional contemporânea.

Outro ponto relevante identificado é o potencial interdisciplinar das obras de Michelangelo. A análise das proporções, simetrias e estruturas anatômicas nas pinturas permite articulações com disciplinas como Matemática, Biologia e Física, evidenciando o ideal humanista do Renascimento. Essa abordagem reforça a importância de integrar os saberes científicos e artísticos na formação escolar, conforme defendem Brito et al. (2024), que reconhecem na interdisciplinaridade uma via de superação da fragmentação do conhecimento e de fortalecimento da aprendizagem significativa.

Por fim, a discussão dos resultados destaca que a arte sistina permanece atual como objeto de estudo, não apenas pelo seu valor estético e religioso, mas por sua capacidade de suscitar reflexões sobre o ser humano, o sagrado e o mundo. A leitura simbólica das imagens, mediada por professores e estudantes, transforma-se em exercício de diálogo intercultural e intertemporal, possibilitando compreender como as expressões artísticas traduzem concepções filosóficas, políticas e espirituais de cada época. Assim, os afrescos de Michelangelo demonstram que a arte, ao ser inserida de modo crítico no

contexto educacional, transcende o ensino confessional e se torna uma ferramenta formadora de consciência, sensibilidade e cidadania.

5. CONCLUSÃO

Concordamos com Ilka Leite que “a Arte sempre irá expressar as concepções de mundo específicas dos artistas e o Patrimônio, em seu sentido sociocultural, nunca se restringe apenas a reconhecê-las de forma restrita” (Leite, 2013, p. 842). Ou seja, as contribuições de Michelangelo para a iconografia cristã reforçam a importância das artes visuais como mediadoras da fé ao consolidarem os padrões estéticos e simbólicos que influenciaram gerações de fiéis e artistas, embora sejam frutos de seu tempo, conhecimento, fé e contexto social.

Mas além disso, existem outros contextos em que essa mesma arte pode servir como um novo tema de discussões, de novos olhares, leituras e interpretações, em dinâmicas ilimitadas.

O espaço físico onde estão os afrescos é um local e símbolo importante da História da Igreja Católica. É um local de disputas ideológicas e poderes políticos que não se encerram apenas nessa instituição, mas que representam diversas mudanças sociais temporal e geograficamente. É uma capela, e é um palco onde importantes decisões são tomadas, decisões essas que influenciam culturalmente não apenas o universo cristão católico.

Em um momento em que a Igreja Católica passa por importantes reflexões, é importante estabelecer pontes de conhecimento entre o saber religioso e a vida cotidiana em um mundo em constante mudança. Com o recente falecimento do Papa Francisco, muitas questões sobre o poder da Igreja, os acordos políticos, e demais assuntos que orbitam tal instituição voltaram ao centro das discussões. Durante seu pontificado, o Papa Francisco — primeiro papa latino-americano e reconhecido como uma liderança progressista em relação a seus antecessores (Veiga, 2023) — promoveu significativas reformas na Igreja, como uma maior participação de mulheres em cargos no Vaticano e

direito de voto em reuniões (CNN, 2025) — embora não no sacerdócio — representou uma escuta e combate aos casos de abuso sexual e pedofilia (AFP, 2025), e uma maior aproximação da comunidade LGBTQIA+ ao autorizar bênçãos aos casais homoafetivos (BBC, 2023).

A morte do papa mobilizou uma grande quantidade de pessoas durante os ritos fúnebres no Vaticano, incluindo muitos jovens, público com o qual Francisco parecia dialogar com desenvoltura, sobretudo por conta de sua abertura e diálogo em relação a questões contemporâneas como justiça social, identidade e diversidade. Finalmente, a situação da escolha de um novo representante da Igreja, a ser feita no mês de maio de 2025, chama a atenção, sobretudo, por conta do recente filme *Conclave* (2024).

Na produção cinematográfica, o cenário “mais que locação poderosa, é um personagem” (Carneiro, 2025), uma vez que o conclave ocorre, de fato, na Capela Sistina, onde os cardeais reúnem-se durante o período de eleição, permanecendo em clausura e incomunicáveis, sem acesso a rádio, televisão, Internet. O filme transporta os temas aqui discutidos em mais uma mídia que reforça a Arte Sistina de Michelangelo como uma obra pedagógica e didática da contemporaneidade, muitos anos depois de sua concepção, e totalmente capacitada a dialogar com diversos temas, pessoas e lugares.

REFERÊNCIAS

AFP. **Doze anos de Papa Francisco:** reformas, diplomacia e luta contra a pedofilia. Carta Capital, 13 mar. 2025. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/mundo/doze-anos-de-papa-francisco-reformas-diplomacia-e-luta-contra-a-pedofilia/>. Acesso em: 21. Abr. 2025.

AMPARO, Flávia Vieira da Silva. **Ut pictura poesis:** uma interpretação profética e poética da obra de Michelangelo. Horizonte, Belo Horizonte, v. 10, n. 25, p. 75-92, jan./mar. 2012.

BAPTISTA, Paulo Agostinho N.; SIQUEIRA, Giseli do Prado. **Ensino Religioso na escola pública brasileira e a questão da laicidade.** Horizonte, Belo Horizonte, v. 18, n. 55, p. 33-60, jan./abr. 2020.

BBC. **Papa Francisco autoriza benções a casais do mesmo sexo; entenda.** BBC News Brasil, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cmjp2p75rkno>. Acesso em: 21 abr. 2025.

BBC. **Morre Papa Francisco: do funeral ao conclave, o que acontece agora.** BBC News Brasil, 21 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c86pqd3dv2po>. Acesso em: 21 abr. 2025.

BERBARA, Maria. **Notas biográficas.** In: MICHELANGELO BUONARROTI. Cartas escolhidas. Seleção, tradução e notas de Maria Berbara. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2009. p. 21-25.

BERRIEL, Marina Jorge. **Tradução comentada da obra:** Vida de Michelangelo Buonarroti, escrita por Ascanio Condivi. 2008. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 fev. 2025.

BRASIL. **Lei n. 9475, de 22 julho de 1997.** Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9475.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.475%2C%20DE%2022,Art. Acesso em: 23 fev. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 23 fev. 2025.

BRITO, Adriana Rodrigues dos Santos; LOPES, Renata Caroline dos Santos; NASCIMENTO, Gleici Simone Faneli; DAMACENA, Aline Karen. **Interdisciplinaridade e BNCC: limites e perspectivas.** Revista FT, Rio de Janeiro, v. 29, n. 141, dez. 2024. DOI: 10.69849/revistaft/ni10202412171407. Disponível em: <https://revistaft.com.br/interdisciplinaridade-e-bncc-limites-e-perspectivas/> 6/24. Acesso em 23 fev. 2025.

CARNEIRO, Raquel. **Conclave:** filme indicado ao Oscar expõe segredos da eleição do papa. Veja, 24 jan. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/em-cartaz/conclave-filme-indicado-ao-oscar-expoe-segredos-da-eleicao-do-papa/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CNN. **Papa Francisco fortaleceu a presença de mulheres no Vaticano**. CNN Brasil, 22 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/papa-francisco-fortaleceu-a-presenca-de-mulheres-no-vaticano/>. Acesso em 23 abr. 2025.

GOMBRICH, Ernst Hans **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1999.

JALUSKA, Taciane Terezinha. **Arte sacra em espaços sagrados: o patrimônio artístico-religioso como instrumento para a educação cristã**. Ciências da Religião: história e sociedade. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 12-34, jan./jun. 2016.

LEITE, Ilka Boaventura. **Religião, Arte e Patrimônio Cultural**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 840-842, jul./set. 2013.

KICKHÖFEL, Eduardo Henrique Peiruque. **Uma falsa lição de anatomia ou de um simples caso de impregnação teórica dos fatos**. Scientiae Studia, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 427-43, 2004.

MARQUES, Luiz. Apresentação. In: MICHELANGELO BUONARROTI. **Cartas escolhidas**. Seleção, tradução e notas de Maria Berbara. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2009. p. 13-16.

MARVILA, Nilziane Costa; FRANQUEIRA, Alberto da Silva; MARTINS, Olavo Falcão; SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana; VIANA, Silvanete Cristo. **Tecendo saberes: a interdisciplinaridade como alicerce na formação de educadores religiosos**. Contribuciones a las Ciencias Sociales, s/l, n. 17, v. 4, e6545. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.4-258>. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/6545/4325>. Acesso em: 23 fev. 2025.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. **Um jogo de espelhamentos a partir do Moisés de Michelangelo**. Reverso, Belo Horizonte, ano 27, n. 52, p. 21-30, set. 2005.

NASS, Luzinete. **Crises de um Brasil laico, crises do Ensino Religioso**. Interações, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. e182t01, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2023v18n2e182t01>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/29450>. Acesso em: 23 fev. 2025.

OLIVEIRA, Jean Carlos. **Teoria das cores: análise da pintura do teto da Capela Sistina**. 2022. Monografia (Bacharelado em Artes Visuais) — Escola de Educação, Centro Universitário Internacional Uninter, Uberaba, MG, 2022.

PEREIRA, Edilson; SANZI, Roger; GIUMBELLI, Emerson; MACHADO, Carly. **Editorial:** religião, arte e cultura. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 9-15, 2018.

QUÍRICO, Tamara. **O Juízo Final de Michelangelo:** questões iconográficas e a polêmica do *Cinquecento* sobre o afresco sistino. 2003. Dissertação (Mestrado em História da Arte) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

RAMOS, Leonardo; RAMOS, Érica Marcelo Feliciano; SOARES, André. **O Ensino Religioso na educação escolar:** contribuição para formação cidadã. *Composição, Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande*, v. 3, n. 26, p. 09-33, 2022.

RESENDE, Valdo. **Intrigas e rivais: Michelangelo, o gênio da História da Arte.** Aventuras na História, São Paulo, 20 maio 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/valdo-resende/michelangelo-o-genio-da-historia-da-arte-entre-intrigas-e-rivais.phtml>. Acesso em: 23 fev. 2025.

SALDANHA, Marcelo Ramos. **Il Giudizio Universale:** as grafias da dor na Capela Sistina. *Debates do NER, Porto Alegre*, ano 19, n. 34, p. 279-302 ago./dez. 2018.

SANTOS, Taciana Brasil. **O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular:** algumas considerações. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.37, e20016, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469820016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/q53vWMgXQr68jNhtP6SZHPm/>. Acesso em 23 fev. 2025.

VASARI, Giorgio. Michelangelo Bonarroti Fiorentino. In: **Le vite de' piú eccellenti architetti, pittori, et scultori italiani, da cimabue insino a' tempi nostri.** Nell'edizione per i tipi di Lorenzo Torrentino — Firenze 1550. Disponível em: <https://bepi1949.altervista.org/vasari/vasari144.htm>. Acesso em 23 fev. 2025.

VEIGA, Edson. Papa Francisco: **A guerra subterrânea entre conservadores e progressistas na Igreja Católica.** BBC News Brasil, 19 nov. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cmjp2p75rkno>. Acesso em: 21 abr. 2025.

VESTIR OS NUS. **Tendências do imaginário.** 13 nov. 2012. Disponível em: <https://tendimag.com/2012/11/13/vestir-os-nus/>. Acesso em: 23 fev. 2025.

VOIGT, Rafael. **As cartas de Michelangelo.** *Revista Voz da Literatura*, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://www.vozdaliteratura.com/post/as-cartas-de-michelangelo>. Acesso em 23 fev. 2025.